

CARLOS FEDERICO BUONFIGLIO DOWLING

FUNESTO
FARSA IRREPARÁVEL EM TRÊS TEMPOS

1ª Edição

JOÃO PESSOA – PB
Edição do Autor
2012

978-85-914556-7-6
Número de ISBN

Funesto

farsa irreparável em três tempos

ROTEIRO PARA FILME EM MÉDIA METRAGEM,
POR **CARLOS F. BUONFIGLIO DOWLING**

Quarto tratamento (três a dezenove de agosto de 1998)

1. Argumento.

Temos abordada a Morte (FUNESTO) como algo propriamente absurdo (A FARSA) e irremediavelmente cotidiano (O IRREPARÁVEL).

Os três Tempos e a Jogatina: um quarto.

A morte é abordada através de hipérboles narrativas e dramáticas, pondo-se em três "estórias irrelatas". Estes três contos são mediados por um condutor narrativo atemporal, um embate de carteador num quarto de hoteleco, que executa a transição entre as três narrativas, além de abrir e resolver o filme.

O primeiro jogo trata da perda e do desejo, desejar e perder. É a estória de Ruso Apfestrudell, um inusitado galã, e de suas 'sinistras práticas de galanteio'.

O segundo jogo trata de destronar e entronar a Morte, em sua trama sobre um crônico e final protelo de Odin Olmos.

O terceiro jogo trata do embate ficção e realidade, não estando claro até onde iria a poesia do coveiro, ou até onde viria a realidade do poeta, e vice-versa, afinal é carnaval em cortejo, fúnebre.

Sobre a Morte e o Imaginário Popular.

A morte é o anacrônico que grita moda, pois ao mesmo tempo que se firma e está insistentemente na criação do intelecto de um homem que se diz sábio, é o que se põe fora de domínio, além do tempo, encerrando-o e realçando-o.

Tão perto e tão longe.

Temos assim, como ganchos de condução narrativa, suportes midiáticos impressos e audiovisuais. Seria uma representação da relação homem *versus* morte, onde os meios nutrem-se ao mesmo tempo que alimentam tudo que funesto.

2. Observações

a) A Trama do '**Second Game**' foi desenvolvida a partir de sugestões narrativas de *Daniel Araújo*.

b) A ÓPERA-CLIP que compõe o '**Third Game**' é inspirado e conta com vários poemas do literato *Augusto dos Anjos*, além de ser musicado por *Cyran Costa*; segue abaixo a

relação dos poemas, utilizados na íntegra ou em fragmentos para compor da ópera.

I) POEMA NEGRO

II) O CAIXÃO FANTÁSTICO

III) SONETO ("NA RUA EM FUNERAL EI-LA QUE
PASSA...")

IV) VERSOS ÍNTIMOS

V) O COVEIRO

VI) VERSOS A UM COVEIRO

VII) O DEUS-VERME

VIII) TEMPOS IDOS

c) A frase final do roteiro (*"Que final, que final mais adequado para esta farsa"*), é extraída da música "**Homero o Junkie**" de *Fred Zero Quatro* (inspirado no livro "2455

Cela da Morte", de Caryl Chessman) da banda 'mundo livre
s/a' no disco "Samba Esquema Noise".

□ FIRST GAME:

1. Manhã. Interior. Quarto de hoteleco.

Temos uma mesa ao centro do velho e carcomido quarto de hotel. Sobre ela, uma flanela verde dobrada em quatro. Encima desta um baralho estilo Far West. Uma música tensa conduz o ritmo da cena.

Entram, em fila indiana, três homens no quarto. Não veremos seus rostos até o desenlace. Vestem paletós escuros e arrastam, cada um, uma cadeira. Param e posicionam as cadeiras ao redor da mesa. Cada um deles saca e pousa o paletó sobre sua respectiva cadeira, sentando-se em seguida.

Agora sentados os três, o primeiro saca um cigarro do bolso e bate com a ponta na mesa para compactar o fumo. Outro pega o maço de cartas sobre a flanela dobrada e começa o baralhamento. O terceiro pega e sacode a flanela, desdobrando-a, logo depois a usa como toalha sobre a mesa. Depois de algum embaralhe, o segundo jogador calcula rapidamente aonde seria o centro exato da mesa. Coloca o maço de cartas lá. O terceiro jogador corta as cartas. O segundo jogador retoma as cartas recém cortadas, faz um último e breve embaralhe e joga uma carta para o primeiro jogador, uma carta para o terceiro e uma para ele. Repete esta ação até que cada um dos

jogadores tenha três cartas a sua frente, virados com a face para baixo.

A esta altura os cigarros estão acesos à mão do primeiro e terceiro jogador. O terceiro jogador levanta sua primeira carta. Nela vemos, em escrita estilizada mimetizando as fontes do carteador, o letreiro inicial do filme. O segundo jogador, de cartas em riste, desvenda o segundo letreiro. A câmera os deixa, revela o quarto de hotel, a cama feita com lençóis gastos, um criado mudo que conta com um rádio antigo e um abat-jour, que pisca intermitentemente. O segundo jogador, que distribuiu as cartas, leva a mão até o rádio, mudando de estação, deixa a música que cadenciava a cena. Enquanto procura outra estação, fugindo do chiado, deixa ver suas cartas, lemos o último letreiro inicial. Localiza uma estação.

Radialista (off) - *E agora com vocês: Jhê*

Vantim, e seu programa: Estórias Irrelatas.

Jhê Vantim (off) - *Caros ouvintes, esta transmissão nos reserva estórias estranhamente próximas. O programa de hoje trata de casos irremediavelmente funestos. Devo avivar seus circunspetos ouvidos, alardeando que todas são estórias, se não verossímeis, verídicas. O*

primeiro destes é o penoso caso de Ruso Apfestrudell, um homenzinho de nome gozado, e de sinistras práticas de galanteio...

Simultaneamente a este texto a câmara vai girando, lentamente, de encontro à única janela do quarto. Mostra o jogo, que transcorre com rapidez imprópria no meio do quarto, e chega à janela. Vemos por tal janela a rua e um homem sentado no meio-fio. Veste um sisudo, porém galante, traje, composto por terno marrom, gravata borboleta negra e uma miniatura de girassol na lapela. Empunha um jornal.

2. Manhã. Exterior. Fachada de uma casa.

Ruso Apfestrudell, personagem primeiramente visto através da janela do hoteleco, segue andando numa rua. Pára em frente à fachada de uma casa. Remexe o bolso interno do paletó e saca um retalho de jornal. Localiza e confere o endereço no recorte, enquanto acende um cigarro. Entra na casa fumando.

3. Manhã. Exterior. Rua.

Ruso Apfestrudell, sentado no meio-fio como visto no final da seqüência inicial, folheia um jornal, olha atentamente a seção de óbitos, tateia os anúncios fúnebres. Localiza um de seu interesse. Ele rasga e guarda o anúncio no bolso interno do seu paletó, notaremos os dizeres: 'deixa viúva inconsolável...'

Um moleque pára ao seu lado. Veste uma camiseta maltrapilha do Pernalonga com os clássicos dizeres "That's All Folks" e empunha uma caixa de engraxate. É, de fato, uma tosca representação do Pernalonga. Ruso não o nota. O moleque demonstra intimidade.

Engraxate - *E aí velhinho, vai um lustre?*

Ruso olha-o atento e, sereno, chinfra.

Ruso Apfestrudell - *Não! Girassóis não suportam graxa...*

Engraxate - *Desculpinha farrapada...*

O moleque, em resposta a escusa habitual, começa a engraxar os pés descalços, engraxa-os muito meticulosamente, utilizando uma sistemática própria e também habitual. Quando a câmera volta para a marcação de

Ruso, ele não está mais lá. A câmera torna-se nervosa e vasculha a rua e logo depois o jornal rasgado e abandonado por Ruso. Vemos na primeira página do jornal a foto de um velório, pessoas que demonstram impaciência frente a um caixão vazio e uma cova aberta. A manchete para tal foto é '*História para Incrédulo Dormir*', com o subtítulo. '*Começa a espera*'. É "*A incrível história do Defunto Atemporal...*", que conheceremos melhor no segundo episódio.

A câmera abandona a manchete, volta para o moleque e como que o interpela. O moleque olha a câmera com uma apatia risonha e aponta a direção que Ruso Apfestrudell tomou. A câmera corre desesperada.

4. Manhã. Interior. Velório.

Ruso está dentro da casa, que há pouco conferiu o endereço. Fuma e come pipocas que são oferecidas, pessoas enlutadas cercam o caixão. A viúva, de fato inconsolável, verte lágrimas. Ruso se delicia com a cena, olha-a num tom irônico, porém compenetrado. Lambe a ponta dos dedos e, sem olhar para uma vela, que pende próxima ao caixão, a apaga. Não tira os olhos da viúva, nem quando se delicia com a dor tão tênue que a chama da vela lhe proporciona. Pára ao lado da ditosa vela, emerge os dedos

na cera ainda quente que a torneia. Acarícia-a como a um falo.

Ruso (off) - O pretume a deixa pálida. Nunca sei se as consolo, ou se, as curro. Talvez ao mesmo tempo, quem diria?

Ruso dirige-se ao caixão, repousa o cigarro na borda do ataúde, limpa a cera que secou nos seus dedos na alça do referido caixão enquanto emerge a outra mão no seu interior. Os pesarosos presentes ignoram a estranheza de sua ação. Ruso olha o morto e, ternamente, como se pedisse as devidas licenças, retira um lírio que adornava o defunto. Dirige-se do caixão até o murmurinho comportado de pessoas, que se forma ao redor da viúva. Passa por entre os presentes, que nem o reparam, e pára em frente da viúva. Levanta seu véu preto, olha-a fixamente nos olhos e coloca o lírio, recém coletado, em seus cabelos.

A viúva, atônita, cai num pranto abissal. Os circunspectos presentes de fato ignoram a cena. Ruso vai saindo da sala leve, quase flutuando e suspiros mil. Pára ao lado do caixão e pega a pequena ponta que sobrou do cigarro que há pouco ali deixara, um rastro de cinzas

fica na borda; sai pela porta central, o olhar da viúva atônita cravado nas costas.

5. Manhã. Exterior. Rua deserta frontal à fachada da casa.

Ruso Apfestrudell sai da casa onde havia um velório, a rua está agora deserta. A câmara aproxima-se, num correr esbaforido. Ruso toma direção oposta à câmara, que pára e retorna, acompanhando-o. Vão descendo a rua, que exhibe arquitetura clássica porém desgastada, algo decadente. Um pouco à frente dessa rua, num varal que a cruza, estão estendidos paletós, chapéus e sapatos. Ruso anda desviando-se das vestimentas solitárias, que parecem bailar suspensas. Dirige-se à câmara.

Ruso - *Que posso fazer? Amo as viúvas.*

Verdadeiramente. Quase inconsolável.

Nota algo estranho na rua, parece um despacho. É um corpo nu estendido no chão, o rosto está coberto por um jornal com a foto de um gol, duas velas cercam a cabeça coberta. Saca um cigarro do bolso, abaixa-se, olha a foto do gol e pega uma vela. Volta a andar e fala, acendendo o cigarro na vela.

Ruso - *É essa barroquice, que me faz amar e, querer, as Viúvas. É, mais que tudo, uma devoção em confusão, não sei se as curro, ao ditar os esperados e prestimosos pêsames, ou (apaga a vela com um sopro) se as consolo, murmurando obscenidades.*

Ruso, chegando à esquina da rua, põe a vela no chão. Olha a rua, com a dança das vestimentas e faz uma sarcástica negativa com a cabeça.

Ruso - *Santa barroquice Batman. E nem peço as medidas desculpas...*

Dobra a esquina, deixando o plano. Ficamos por alguns instantes com a imagem da rua deserta, do corpo nu estendido e dos paletós ao vento, a bailar sobre os sapatos.

6. Manhã. Exterior. Rua.

Ruso está novamente sentado ao meio-fio. Leva um jornal amarrotado baixo ao braço. O moleque engraxate, numa tosca representação do Pernalonga, está sentado ao seu lado.

Engraxate - *Que tal o brilho?*

Ruso - *Não vejo sentido em negações. Poderia dormir e abordar meu enlutado travesseiro, que ia chorar por meu querer em extrema falência... mas não.*

Engraxate - *Não, não. To falando do brilho que meus pés pegaram com o lustre. Ó o mindinho! Se deixar, embelezo tuas botinas.*

Ruso - *Prefiro minha decadência estampada em primeira página, mas não em meus devaneios...*

Engraxate - *Aí, velhinho. Que diacho vês nessas mulheres? O 'papa viúvas', quem diria.*

Ruso - *Quanto é o lustre mesmo?*

Enquanto fala, Ruso saca um charuto 'Habana' envelhecido detrás da orelha. Acende-o, soltando a fumaça de encontro ao moleque.

Engraxate - *E vá deixando minha mãe fora dessas.*

Ruso - *Tua mãe, nem sabia que era viúva.*

Engraxate - *É não, mas o seguro morreu caduco, velhinho. Deixe quieto. Faço o lustre por uma daquelas adivinhas que tu falas, e que eu não consigo nunca responder.*

Ruso - *Deixa quieto, prá depois. Passa bem.*

Ruso se levanta e entrega o jornal ao moleque. Sai.

7. Manhã. Interior. Salão principal de Igreja.

Um padre, numa batina marrom e com ares de tédio, dá o sermão. A viúva, sentada na primeira fila, está numa expressão de dor contida, aparentemente condicionada. Algumas senhoras a consolam, seguram suas mãos; trata-se pois de uma missa fúnebre de trigésimo dia. Não ouvimos o sermão, nem os bocejos; não existe som direto. A câmera anda pelo salão da igreja, recua pelo corredor central, faz menção de sair, tomando o caminho da rua, porém pára, nota Ruso, que está na última fileira dos assentos

sacros. Ruso espirra e é o único som que ouvimos. Logo assoa o nariz e põe-se a refletir em off. Enquanto divaga, a câmera refaz o mesmo caminho de volta pelo corredor central, mostra as mesmas personas do caminho de ida.

Ruso (off) - *Um homem calvo, em trajés nem tão confiáveis, decreta que o tempo passa e que somos, antes de qualquer amenidade, mortais. (vemos novamente neste momento a viúva) Ela agora chora por trinta dias passados da morte do marido. Chorará novamente na missa de um ano. Como a quero.*

Neste momento, depois de repassar o trajeto inicial, chegamos novamente ao padre, ouvimos um outro espirro, dado por Ruso, e um novo assoar. Repentinamente passamos a ouvir o padre enquanto vemos seus olhos mansos.

Padre - *... e por isso vos digo, sede fiel e devoto que te garantem a vida eterna. Nilo Pestana foi um exemplar cristão, por isso que merece ser lembrado e memorado. Foi também, sem sombra de dúvidas, um marido exemplar; Sila Pestana, sua mulher sentada à minha frente, que*

defenda seu nome nestes trinta dias celebrados de sua fatídica morte.

Mas dê mãos ao contentamento senhora, pois se continuar a seguir os preceitos desta eucaristia, com os dízimos em dia e honrando os compromissos paroquiais, nada irá deter o reencontro nas alturas celestiais; e poderão seguir eternamente, sentados, juntos, ao lado direito de nosso santíssimo senhor.

Cantemos agora.

A cantoria usual começa, as pessoas estendem e unem as mãos. Ruso movimentou-se enquanto o padre discursava, e está, neste momento, ao lado de Sila Pestana. Quando ela levanta a mão para começar a cantoria, Ruso a segura fortemente e chega com o rosto próximo ao seu, cochicha, da mesma forma que se dará todo este diálogo. Enquanto isso, a cantoria começou e chega ao seu auge.

Ruso - *Mas quem te garante que ele espera nas alturas do céu? E se já se engraçou com algum anjo, que se não têm sexo como dizem, desfrutam de um cândido sex-appeal? E se estiver no purgatório, ou no próprio inferno...*

Sila Pestana (também cochichando e olhando se é notada pelos demais presentes) - Que desgraça! Quem é você... te conheço de algum lugar... (olha para a colega paroquial, que segura sua outra mão, de olhos fechados) É algum tipo de gracejo, um chiste?

Ruso vai apertando mais sua mão e colando mais o rosto. Nenhum dos outros presentes nota a cena, estão de olhos fechados, celebrando o canto, que continua. O padre, posicionado frontalmente, também nada vê.

Ruso - Não, não me conheces. Mas eu tenho um pedido, e te concedo um desejo...

Sila - Mas que desrespeito (olha para os lados) mas... e ninguém faz nada. Está é a missa fúnebre em comemoração dos trinta dias da morte de meu marido, não te toca? Como alguém pode passar por cima disto? Tenho que gritar...

Sila está muito perturbada. É uma abordagem tão imprópria que não deixa espaços de defesa. Ela começa a demonstrar um certo tipo de desejo, tratado com muito incomodo, recluso até a alma.

Ruso - Não, um duplo não. Não grita, que não ignoro que você é recém viúva. Mas é isso que me excita... realmente me enlouquece. Penso em tirar toda esta roupa preta, beijar teu ventre, sem uso há pelo menos trinta dias...

Sila - Mas que diabos!!!

Ruso - Mulher, lembra-te que estamos numa igreja, moderes o palavreado...

O cochicho dos dois é cortado pelo fim da cantoria. Ruso está muito próximo de beijá-la quando pára o cântico sacro, põe-se normal muito rapidamente. O padre, que deixara de cantar de olhos cerrados alguns segundos antes, viu o final da cena. Está boquiaberto, deveras confuso. Sila Pestana não pestaneia, está em choque, é a única sentada, realmente jogada no banco paroquial. O resto da audiência ignora a cena. Quando soltam todos as mãos Ruso deixa um cartão vermelho e dourado no colo de Sila e saí, de fininho, com classe. O padre titubeia, não crê no que viu, perde o equilíbrio.

Padre - *É... eu... não... onde... onde
estávamos?*

As senhoras que antes consolavam agora tentam reanimar uma quase desfalecida Sila Pestana. Sua única reação é tomar em mãos o cartão deixado, o lê atentamente: "Ruso Apfestrudell. Meus prestimosos pêsames. Me liga, logo. Tel.: 269-266".

8. Manhã. Interior. Quarto de Ruso Apfestrudell.

Ruso come uma espiga de milho, está sem camisa, anda conferindo um jornal, na sua preferida sessão de óbitos. Delicia-se com a manteiga do milho e com o informe.

Ruso - *Uma procissão antes do enterro
(dirigindo-se à câmera) Isso muito me interessa.
O fúnebre insiste mesmo em ser popular.*

O telefone toca, alto, Ruso olha com malícia para o aparelho antigo e negro. Vai caminhando para atendê-lo. O tom malicioso persegue esta divagação, no caminho ao telefone.

Ruso (*dirigindo-se à câmara*) - *Consolo... curra... se ao menos rimassem poderiam ser tema de samba canção. Nem isso.*

Ruso, descuidado, larga a espiga de milho na mesinha do telefone, junto a treze recortes de jornal, que lá repousam. O resto de manteiga do milho toca alguns deles, em destaque, temos o recorte que Ruso manipulava em cena anterior.

Ruso pousa a mão encima do telefone preto.

9. Manhã. Exterior. Rua.

Ruso vem descendo uma rua, ensaia, através de desafinados e despreocupados assobios, acordes para um samba canção. Até que nota uma procissão subindo a rua. É uma procissão pobre, quase paupérrima, o caixão é empurrado numa maca de hospital. Uma dúzia de pessoas a acompanham. A viúva à frente, carregando coroas de flores. Ruso não saca os olhos da viúva da vez, que está muito bem escondida por uma negra e simples vestimenta. Pessoas na rua cumprimentam a viúva.

Quando Ruso está mais próximo, ouve um casal em comentários fúnebres.

Alguém - *Pobrezinha, é viúva branca. Tão novinha...*

Ruso interfere abruptamente a conversa.

Ruso - *Como?! Branca mesmo? Quer dizer, virgem, enviuvou sem nunca, ahn, capuxu... e, caput (gesticulando)?*

Tem em resposta um pesaroso sim com o pescoço e cabeça, num gesto.

Ruso - *Ay, ay, ay. Caramba!!!*

Ruso demonstra perder o controle, que tinha tão seguro. Está num misto de amor platônico e êxtase pré-orgástico.

Desce a rua em direção à viúva. A procissão está agora parada para que a viúva receba os cumprimentos fúnebres. Ruso continua a descida, esbarra nos transeuntes em fila que esperam para dirigir prestimosos pêsames ao centro das atenções. Como para chegar a ela Ruso desordena a fila ouvimos protestos comedidos. Ruso Apfestrudell não ouve, faz uma ronda que ganha ares de espiral, tanto no movimento de aproximação até o ritmo

hipnótico que ganha. Está completamente alterado, no meio ao ato de enlevo. A consola em sua aproximação ritmada, quase mágica.

Chega até a viúva, que estranha seus modos. Ruso demonstra-se em meio ao processo catártico de hipnose, levanta muito carinhosamente o véu que encobria a face da tenra viúva, transformando seu 'obscuro objeto de desejo' apenas num rosto deveras jovem, num pranto comedido como o dos demais presentes. É o fim do consolo.

Ela carrega duas coroas de flores, uma em cada braço. Ruso olha a viúva e sua expressão tão hipnotizada transforma-se. Um riso de escárnio é esboçado. Passa a mão por dentro das coroas, e apalpa a viúva. Furta um beijo de maneira voraz, violenta, abraça-a, apalpando suas nádegas; início e fim da curra.

Os populares presentes deixam abruptamente o comedimento e, com a decência obviamente insultada, fato demonstrado através de gritos e gesticulações, partem para a figura do Ruso Apfestrudell, o Papa-Viúvas, numa voracidade mais forte que a libido furtada. Ruso, como que já esperando tal ato, começa um correr desenfreado subindo a rua que antes descia, todos os personagens da cena seguem na mesma corrida, viúva seguida pelos presentes. Abandonam o quadro. O samba canção, recém tentado por Ruso, entra, musicado.

10. Manhã. Exterior. Fachada de igreja.

O samba canção é o fundo sonoro. Ruso, mantendo o mesmo ritmo da cena anterior, corre desenfreadamente. Passa pela frente da fachada da igreja, ponto de seu segundo assédio. Não para, freia, nem ao menos repara na passagem pelo segundo ponto de sua profana procissão. Os comensais da missa fúnebre de trigésimo dia, a cena anterior, mantém a perseguição.

A viúva Sila, as senhoras amigas, o padre, enfim, todos presentes na igreja incorporam-se à estranha correria em perseguição.

A câmera está num plano aberto, mostrando a rua na sua totalidade, as pessoas passando e as personagens da cena revisitada se incorporando.

11. Manhã. Exterior. Rua.

A rua, outrora deserta, apenas habitada por paletós, chapéus e sapatos, preenche-se com a passagem da desvairada corrida. Ruso passa no mesmo monotônico e apressado correr. Pega um chapéu pendurado no varal. O corpo nu, estendido no chão, não se abala, ninguém o

pisa. Os corredores abandonam o plano. Ficamos com o corpo, os paletós e ao fundo, o insistente samba canção.

12. Manhã. Exterior. Fachada de uma casa de velórios

A maratona segue. O samba também. Ruso, como sempre, até o fim, a encabeça. É seguido por todos as personagens das cenas revisitadas; da procissão fúnebre e da missa de trigésimo dia. Os comensais do primeiro velório incorporam-se, num ato quase mecânico, ao fim do correr. A viúva encabeça os novos corredores, acompanhada pelo morto.

13. Manhã. Exterior. Rua.

Voltamos novamente a locação inicial. Primeiramente vemos o moleque engraxando os pés descalços, só, sem música. Ruso entra, com o correr num ritmo já mecânico, vem acompanhado pela música do samba canção, composto a algumas cenas. Os seguidores de sua funesta correria invadem a cena. Passam todos os personagens das visitas de Ruso. O moleque fecha sua caixa de engraxate e vai ao fim do correr.

A câmera faz menção de continuar mas pára. A multidão de corredores a deixa. A câmera os olvida, reconhece o

prédio que já a abrigou, e adentra no local de onde primeiro visualizou Ruso Apfestrudell, um hoteleco. Passa o pórtico da entrada, sobe as escadas e perpassa a porta do quarto onde estão as personagens, que continuam o jogo de cartas. Jogam de maneira voraz. Não vemos seus rostos. O samba continua.

□ SECOND GAME:

1. Tarde. Interior. Quarto de hoteleco.

Novamente à mesa de carteadado, coberta com a típica flanela verde; é a continuação do plano da sequência anterior. Os três jogadores, dos quais não veremos o rosto até o desenlace, estão sentados como no First Game, ao redor da mesa. Vivem um impasse do carteadado. Estão no meio de um jogo de pif-paf, onde quem bate no molho de cartas por último perde. Todo o baralho está distribuído entre os três jogadores. O primeiro baixa uma carta, o terceiro baixa outra, ambos batem. O segundo fica com a mão levantada, prestes a bater, mas atrasou-se. A cena se repete, o segundo fica novamente com a mão levantada, em atraso.

Simultaneamente ao jogo:

Anunciante (*off, precedido e sucedido por uma vinheta*) - Não perca seu valioso tempo, compre o novíssimo "Cronos de Millete" um relógio de areia digital. Tens de garantir uma anacronicidade bem contextualizada. A venda nas melhores relojoarias da capital.

Quando acaba tal anúncio continuamos com o atraso do segundo jogador, que se mostra impaciente.

Radialista (off) - Voltamos com nosso líder de audiência, Jhê Vantim, e suas funestas 'Estórias Irrelatas'.

A câmera deixa a mesa de carteador e centraliza o velho rádio.

Jhê Vantim (off) - O próximo caso, de muitos, é o mais crônico. É o desvairado caso da 'Agônica Morte Atemporal' e o homem que não controlava suas manias de extradição...

Enquanto ouvimos Jhê Vantim, a câmera desvenda um relógio pendular que bate ao lado do rádio.

2. Tarde. Interior. Quarto de dormir.

Invadimos o quarto de Odin Olmos através de um relógio pendular situado no criado mudo. Vemos que baba no travesseiro rosado, num sono íntegro, pleno. O som é de uma procissão, ladainhas e pessoas adentrando um cemitério. É um fragmento sonoro da procissão do Third Game. O som como que nana Odin Olmos.

Depois de uns fragmentos do cântico das ladainhas, Odin acorda sobressaltado, quando abre os olhos o som

cessa. Levanta-se e, sonolento, busca seu relógio de pulso, que pende na fivela de uma calça posta num cabide fixado atrás da porta.

Depois de muitos tropeços de sono consegue alcançar o relógio. Olha-o e dá um grito abissal. Agora o sobressalto comanda. O relógio vai ao pulso.

3. Tarde. Interior. Banheiro.

Odin entra, rápido e compenetrado, ao banheiro. Saca o suado pijama e põe-se rapidamente baixo ao chuveiro, abrindo-o. Apenas uma gota d'água cai. Odin, agora devidamente mais desesperado com a falta d'água, agarra um copo na pia e, vasculhando o recinto com o olhar, em busca de resquícios de água, acaba dando no solícito, mas não confiável, material aquoso do vaso sanitário.

Põe o copo no sanitário, retirando o agente de seu último banho. Joga a água no corpo. Primeiro nas axilas. Novamente o copo no sanitário. Depois joga água nas virilhas. Copo no sanitário. Finalmente leva água ao rosto. Enche o copo pela última vez e o deixa encima do lavabo. Seca-se muito rapidamente com uma felpuda toalha. Agarra sua escova dental e aplica-lhe dentifrício. A imerge no copo com a água da privada. Efetua mais rapidamente ainda a escovação. Deixa o banheiro em direção ao quarto.

4. Tarde. Interior. Quarto de dormir.

Enrolado na toalha abre o armário, vasculha por uma roupa sóbria, adequada ao evento para o qual está atrasado. Saca um paletó branco, provavelmente de seu casamento. Não serve. Saca uma camisa 'havaiana', com estampas floridas. Também não. Saca um smoking deveras elegante, mas não há tal procurada sobriedade em suas vestimentas. O desespero agora é evidente, e Odin, enrolado em felpuda toalha, agarra um talão de cheques com uma caneta dourada, que estava na gaveta de seu criado mudo e sai correndo, porta afora.

5. Tarde. Exterior. Rua.

Odin, de fato e notadamente eufórico, uma euforia sentida, corre pela rua, apenas de toalha rente à cintura, um relógio rente ao pulso, cheque e caneta dourada em mãos. Pára o primeiro táxi que passa pela rua.

6. Tarde. Interior. Dentro do táxi.

Odin entra no táxi.

Taxista - *Para onde, Senhor?*

Odin Olmos - Me chamo Odin Olmos, do deus nórdico e da árvore europeia da família das ulmáceas. Te peço, meu nome, os últimos instantes devem ser mais pessoais. Singelo e prático pedido.

Taxista - Senhor Odin, como o deus... nórdico? (Odin faz um sim impaciente com a cabeça) Olmos, como a árvore europeia, certo? (Odin faz outro sim com a cabeça) Para onde vamos?

Odin Olmos (olhando para o relógio de pulso)
- Para a loja 'Vestes Última Facha', na rua das Acácias, 612.

Taxista - As you like, my lord. (pausa, o carro começa a andar) Ehr, que achou de meu Inglês?

Odin Olmos - Como?! De que tá falando?!

Taxista - Meu Inglês. Não notou? Eu notei tua erudição programada e esperava uma resposta

correspondente... à toa, tudo à toa... minhas horas de estudo prá nem ser notado...

Odin Olmos - *Não atento para o que falas. Rápido, à loja, o tempo (pausa, olha para o relógio) já esvaiu-se.*

E assim vão.

7. Tarde. Interior. Interior da loja.

Odin Olmos, ainda de toalha, escolhe dentre vários iguais, um de fato sóbrio terno negro. Uma vendedora muito sonolenta e indisposta mal o repara. Existe um clima de relacionamento forçado, incômodo.

Vendedora - *Provar?*

Odin Olmos - *Tenho que provar.*

Odin secamente pega a vestimenta e entra no vestuário da loja. Deixa a toalha cair e veste tal terno enlutante. Olha-se muito rapidamente no espelho, não gosta do que vê. Olha o relógio. Sai rapidamente vestido do vestuário. Está descalço. A vendedora assiste compenetradamente à

televisão no hall da loja. É uma vinheta da emissora, onde anuncia a programação vindoura.

Locutor (off) - *Próximas atrações: logo após o aguardado bloco de anúncios comerciais, teremos mais um capítulo de sua novela "Eu e os Anjos". No episódio de hoje nosso poeta, depois do baile, depara-se com sua cova, e com o amor de um coveiro. Conseguirá nosso herói terminar os versos a tempo da janta? Não percam em seguida....*

Odin Olmos, notando que a compenetração da vendedora não parece acabar, dá duas batidinhas no balcão.

Vendedora (prestando ainda atenção à televisão) - *Leva?*

Odin Olmos (olhando para o relógio) - *Se tivesse escolha.*

Vendedora - *Embrulho?*

Odin Olmos - *Como assim 'embrulho'? Já está vestido.*

Odin saca o cheque, olha a etiqueta com o preço que ainda pende no cós da calça, preenche e assina muito rapidamente. Sai apressado da loja. A vendedora confere desleixadamente a assinatura e guarda o cheque numa velha caixa registradora de cobre.

8. Tarde. Exterior. Fachada da loja 'Vestes Última Facha'.

Odin Olmos sai da loja e entra rapidamente no carro, que é o mesmo e que o esperou. O taxista folheia um livro muito calmamente; é uma grossa gramática de inglês, encadernada em couro preto. Ouve-se do rádio do carro o programa "Estórias Irrelatas".

Jhê Vantim (off) - *Nesse instante o taxista pergunta:*

Taxista - *Para onde agora?*

Jhê Vantim (off) - *E tem em resposta, do afobado Odin, uma olhadela no insistente relógio.*

Odin Olmos *(olhando afobadamente ao relógio de pulso)* - *Espere... (olha para uma vendedora de flores na esquina da loja) espera aí que volto.*

Jhê Vantim (off) - Sem aparente justificativa, em meio a tanta pressa, Odin Olmos encanta-se de flores e de sua vendedora.

Odin abre a porta do Taxi e sai, corre até a outra ponta da rua, à porta da loja. O som do taxi vai diminuindo com a distância que Odin alcança, até que fica inaudível. Odin interpela a vendedora, que está vestida num branco tão reluzente que faz arder os olhos. Seria um anjo.

Odin Olmos - *Os crisântemos, quanto?*

Florista - *Tu não podes comprar crisântemos. Um lírio. É teu.*

Odin Olmos - *Como não? Eu quero...*

Florista - *Digamos que você não está em situação de reclamar aos direitos do consumidor. Se quer, pega rápido.*

Odin pega o lírio e anda de volta ao táxi.

Odin Olmos - *Bah! Gosto tanto dos crisântemos, sem graça, um lírio...*

À medida em que Odin se aproxima do carro o som do rádio vai aumentando.

Jhê Vantim (off) - ... e dá a rota do fim do percurso, até o:

Odin entra no táxi.

Odin Olmos - Cemitério 'Fino Fim', no bairro de boa sentença. Vamos, vamos. E troca de estação, por favor, essa lengalenga me incomoda mais ainda

Taxista - *As you like my sweet lord.*

O taxista muda a estação do rádio, colocando no lugar uma música. Olha para Odin, esperando um comentário sobre a melhora em sua dicção estrangeira, que não vem.

E assim vão, quase em disparada.

9. Tarde. Exterior. Interior do cemitério 'Fino Fim'.

Estamos no cemitério. Muitas pessoas em volta de uma cova aberta, estão impacientes. É a mesma cena que o

jornal do 'First Game' noticiava; as pessoas esperam desde lá. Olham para os relógios e cochicham. Andam impacientes, duas crianças sentadas beirando o túmulo, brincam de pega varetas. Um caixão aberto e vazio está a beira da cova. Um homem gordo está mais impaciente, aborda o caixão vazio e como que justifica-se com as outras pessoas. É Parantesco Josué, o responsável por aquela cerimônia.

10. Tarde. Exterior. Fachada do cemitério 'Fino Fim'.

O Taxi com Odin chega, ruidosamente. Odin sai dele e corre em direção à porta do cemitério, vendo ao fundo o conglomerado ao redor da cova.

11. Tarde. Exterior. Fachada do cemitério 'Fino Fim'.

Odin Olmos chega correndo à reunião ao redor da cova, um enterro. Odin está deveras afobado e descalço, comprometendo assim sua tão esperada e solicitada sobriedade. Traz, à boca, o lírio recebido em frente à loja.

Parentesco Josué (apontando para um relógio)

- *Odin, belo irresponsável, o enterro estava*

*marcado para as doze horas; são treze e trinta
!!!*

Odin Olmos - *Vocês bem conhecem os meus atrasos, meus eternos problemas com o tempo. (entrega o lírio ao Parentesco 1) Não te dou o direito a me deixar tanto remorso. (para, num fragmento reflexivo, o último) Aliás, a nenhum dos presentes, ora, essa é muito boa: incomodados com meu problema crônico...*

Neste momento, ao fundo, uma correria passa na rua frontal ao cemitério, junto ao táxi, que manobra para sair. É Ruso Apfestrudell, seguido pelos comensais do primeiro jogo.

O Parentesco Nathan levanta a mão e entrega a Odin dois algodões, que ele, muito prontamente, põe no nariz. Uma das crianças, que jogava pega varetas, olha para o cós da calça de Odin, vê a etiqueta com o preço e a arranca. Odin, agradece por educação e entra no caixão aberto ao mesmo tempo que acomoda os algodões nas narinas.

Odin - *Um último olá e um primeiro adeus...*

Os presentes fecham muito prontamente o caixão e começam a conduzi-lo à cova. Baixam-no demonstrando um clima de alívio depois da entrada de Odin no caixão, um pesar comedido demais. A câmera, num descanso depois de tanta pressa, vai deixando tal movimentação, rodando e andando em outra direção. Toma a direção da saída do cemitério, num andar de abandono ao que se passou.

□ THIRD GAME:

1. Noite. Interior. Quarto de hoteleco.

Voltamos à mesma mesa de carteador, coberta com a típica flanela verde. Os três homens, cujos rostos não veremos até o desenlace, mantêm a jogatina. Temos agora um ás frente a cada um, o ás que sobra está ao centro, virado com a inscrição para baixo. Um ar forçosamente reflexivo rege a cena, que é comandada e ritmada por uma forte música. O terceiro jogador leva a mão até o rádio, muda de estação e, fugindo novamente do chiado, chega às 'Estórias Irrelatas'. Enquanto ouvem as estórias 'irrelatas', os três jogadores invertem os Ases, virando os de cada um, desvirando o central.

Jhê Vantim (off) - *Um último caso para o programa de hoje. Fala sobre um coveiro com manias de poeta, ou, de um poeta, Augusto, que se queria coveiro, dos Anjos. Alguns insistem em classificar isto que conto como uma ópera errante em troça, ou, um pífio tratado sobre como a ficção imita um real, que não mais existe. Há alguns tempos.*

2. Tarde. Exterior. Rua em troça.

Estamos numa rua em inícios do século, mais especificamente em mil novecentos e nove. Temos uma troça de carnaval descendo a rua, populares bailam, voam alguns confetes e serpentinas e o chão sujo está coberto dessas armas de festejo. São tipos muito grotescos em sua alegria, expressões incontidas em histeria e em delírios místicos, um clima paradoxal de enorme euforia, mesclado de angústia certa, um estranho e glorioso êxtase. Temos, dentre outros, um palhaço resignado, um anjo sem a mínima comoção, uma caveira em fraque e bastão que dança agitadamente. Um clima de fim de festa os acompanha, é um entardecer do último dia do carnaval. Rostos cansados de tanta contenta. O som é, unicamente, esse murmurinho meio cansado dos foliões, de fins de baile. É uma espécie de ladainha. Não ouvimos a marcha que supostamente dançam. Um homem, vestindo sóbrio paletó, empunhando uma grande umbrela escura fechada e fantasiado com uma borrada pintura no torso sem camisa, põe-se em frente à câmara.

3. Tarde. Exterior. Rua em procissão.

Uma velha carpideira canta reza em ladainha. Está em altos brados, eufórica em seus lamentos. Segura uma vela, tendo cuidado com mantê-la acesa. Olha desconfiada, de instantes em instantes, para trás. Esta ladainha em reza

comanda o som, e é acompanhada por outras vozes, assim deduzimos um cortejo em procissão.

4. Tarde. Exterior. Rua em troça.

A caveira em fraque e de bastão tem agora uma grande vela acesa em mãos, cuida bem de sua chama, enquanto dança. O som é unicamente a ladainha da procissão da cena anterior, que continua, sobrepondo o murmurinho de fins de festa. O anjo sem comoção, também carregando com muito cuidado um toco de vela acesa, surge e repentinamente sopra a grande vela da caveira, apagando sua chama.

Anjo - *Esteja morto! Esteja morto!*

A caveira tenta soprar a vela do anjo, que se desvencilha, rindo alto e jocoso volta a bailar, abandonando a caveira. Vemos agora os outros tipos da troça carnavalesca, dançam preguiçosamente. Cada um deles carrega um toco de vela, cuidadosos com a chama que os outros tentam apagar. Uma odalisca negra sopra a vela do palhaço resignado, que chora. Um coro festivo surge, mesclando-se com o cântico das rezas da procissão, que continua.

Coro - *Teje morto, teje morto...*

5. Tarde. Exterior. Rua.

Vemos um caixão que é conduzido rua abaixo, a velha carpideira cantando a reza conduz a procissão. O coro da cena anterior se mistura com a ladainha. Pela primeira vez vemos o caixão e a fisionomia de seus carregadores. O primeiro carregador veste o esperado terno enlutado, porém ao invés da expressão de pesar temos uma carranca de madeira, suja de purpurinas. É seguido por um carregador que demonstra um sentido pesar, porém com uma roupa de arlequim, em negro e branco. Notamos agora que bailam muito comedidamente ao som mesclado da reza em ladainha e do coro festivo: "- Teje morto, tá tá tã, Teje morto."

A carpideira olha cuidadosamente a chama de sua vela e é surpreendida pela caveira em fraque e bastão, que dançando agitadamente aparece de abrupto e sopra sua vela. O som da reza e do coro param.

Caveira - *Esteja morta, teje morta minha velha.*

A caveira gargalha despreocupadamente. A velha carpideira fica numa irritação mansa e olha ao lado, vê a vela acesa de algum folião, fica tentada e, depois da

pausa decisiva, sopra sua chama, apagando-a. É a vela de Augusto dos Anjos.

Vemos agora o caixão carregado em meio à troça de carnaval, os tipos fúnebres da procissão de enterro são grotescos mascarados do baile em carnaval, na sua negra e cansada alegria. Ouvimos pela primeira vez a marcha de carnaval, que ritma o bailar.

O homem visto anteriormente, vestindo sóbrio paletó, empunhando uma grande umbrela escura e fantasiado com uma borrada pintura no torso sem camisa, baila com a vela apagada numa mão. Traz o guarda-chuvas, agora aberto apesar de não chover, na outra. Nota a câmara e compõem-se. Passa a vela apagada para um folião, pendura o guarda-chuvas aberto no antebraço, tira um pequeno espelho do bolso interno do paletó e admira-se rapidamente. Põe-se frente à câmara e começa a versejar de forma medida, porém natural. Ao mesmo tempo que fala os versos, ouvimos a afinação de uma orquestra, como que se preparando para entrar em ação. Cordas e tambores e se afinam. Continuamos com a marchinha de carnaval, que forma um caos sonoro de fundo. A ladainha agora não se ouve.

Augusto dos Anjos - *(num riso frouxo) Perdão.*

Um "Poema Negro"

*Para iludir minha desgraça, estudo
Intimamente sei que não me iludo
Para onde vou (o mundo inteiro o nota)
Nos meus olhares fúnebres, carrego
A indiferença estúpida de um cego
E o ar indolente de um chinês idiota!*

*A passagem dos séculos me assombra
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:*

Nesse instante passam três mascarados, e tomam em coro festivo o poema de Augusto. A marchinha pára. É sobreposta pelo coro dos mascarados, que depois transforma-se no 'teje morto!'.

Mascarados -

- Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?

O poeta, surpreende-se pela apropriação. Enquanto verseja é abordado pelas figuras da troça em procissão, ou da procissão em troça se preferirdes

Augusto dos Anjos -

E parece-me um sonho a realidade.

Entra uma música orquestrada, que fica mesclada com o coro carnavalesco. Foliões passam festejando o "teje morto!" e brincam com o poeta compenetrado.

Letreiro 01 (ao som da música orquestrada e da marchinha):

Poema Negro.

6. Tarde. Exterior. Rua.

Estamos no mesma ambiente da cena anterior, uma rua em troça e em procissão. Augusto está sentado no meio-fio e continua a declamação dos versos. Continuamos com a música orquestrada mesclada com a marchinha. As pernas dos populares, algumas folionas, outras solenes, passam entre Augusto e a câmara, levantando pequena névoa de poeira.

Augusto dos Anjos -

É a Morte - esta carnívora assanhada -

Serpente má de língua envenenada

Que tudo que acha no caminho, come

- Faminta e atra mulher que, a 1 de janeiro,

Sai para assassinar o mundo inteiro,

E o mundo inteiro não lhe mata a fome!

Augusto dos Anjos se levanta. Tira o pó da roupa suja. Uma Colombina passa e lhe desconcentra em galanteios. Augusto lhe sorri.

Augusto dos Anjos -

*Nesta sombria análise das cousas,
Corro Arranco os cadáveres das lousas
E as suas partes podres examino
Mas de repente, ouvindo um grande estrondo,*

O som, mescla do som orquestrado e da marchinha, é abruptamente interrompido por uma forte batida de zabumba. O poeta, como se despertando, olha em direção ao caixão da procissão, encantado com o que vê.

Augusto dos Anjos -

*Na podridão daquele embrulho hediondo
Reconheço assombrado o meu Destino!*

A batida de zabumba cessa.

7. Tarde. Exterior. Rua vazia.

A rua, antes repleta, é ocupada por um solitário caixão que a percorre, os habituais carregadores e

comensais se ausentam. É o ponto de visão de Augusto dos anjos. Há um silêncio.

Letreiro 02 (em silêncio): O Caixão Fantástico.

8. Tarde. Exterior. Rua vazia.

O caixão continua a planar solitário, descendo a rua. A música é a mescla de cânticos de uma marcha fúnebre e de um realejo, em tom infantil. Vemos, alternadamente aos versos, o poeta em êxtase com a imagem que cria, o caixão solitário se aproximando e fragmentos de expressões dos gloriosos foliões.

Augusto dos Anjos -

Célere ia o caixão, e, nele, inclusas,

O caixão se aproximando em detalhe.

Augusto dos Anjos (off) -

Cinzas, caixas cranianas, cartilagens

Entra o primeiro fragmento da expressão gloriosa de um folião.

Augusto dos Anjos (off) -

Oriundas, como os sonhos dos selvagens,

Voltamos ao poeta extasiado com a visão que constrói.

Augusto dos Anjos -

De aberratórias abstrações abstrusas!

Entra o segundo fragmento de uma expressão do glorioso êxtase carnavalesco.

Augusto dos Anjos (off) -

Era tarde! Fazia muito frio.

O caixão se aproxima mais e mais numa câmera subjetiva ao poeta.

Augusto dos Anjos (off) -

Na rua apenas o caixão sombrio

Ia continuando o seu passeio!

O caixão pára a um palmo do queixo do poeta. Entra o terceiro e último fragmento das expressões carnavalizadas, ao som de uma corneta.

9. Tarde. Exterior. Rua repleta.

Augusto está com o queixo a um palmo do caixão carregado pelos foliões comensais, desperta com o estridente som de uma corneta e gargalha, estridente. Depois da corneta o som volta a ser o do cântico em ladainhas da procissão. Augusto olha novamente para o caixão e vê, na outra extremidade do ataúde, Corina, uma mulher caracterizada como clown, que lamenta farsescamente, a ida do caixão. A viúva torna-se a inspiração fugaz do poeta. Notamos que é a mesma atriz que interpretou a viúva branca, no First Game.

Augusto dos Anjos -

*Na rua em funeral hei-la que passa,
A romaria eterna dos aflitos,
A procissão dos tristes, dos proscritos,
Dos romeiros saudosos da desgraça.*

*E na choça a lamúria que traspassa
O coração, além, ânsias e gritos
De mães que arquejam sobre os probrezitos
Filhos que a Fome derrubou na praça.*

*Entre todos, porém, lânguida e bela,
Da juventude a virginal capela
A lhe cingir de luz a fronte baça,*

Deixamos de ver o poeta em fins da penúltima estrofe murmurada, o centro da ação passa a ser a jovem Corina, que chora sua angústia voraz, um choro em frangalhos. Os demais presentes, habituados e agora dançando o cântico da reza, não levam seu exagero em consideração.

Augusto dos Anjos (off) -

*Vai Corina mendiga e esfarrapada,
A alma saudosa pelo amor vibrada,
- A Stella Matutina da Desgraça!*

Quando Augusto termina seu poema, Corina pausa seu descabido pranto. Pára, nota a câmera. A procissão a deixa, continuando a descida.

10. Tarde. Exterior. Rua vazia.

Corina dirige-se, muito sobriamente de repente, à câmera. Está só, o poeta já a abandonou, assim como a festa, e seu som em ladainhas. Sua súbita lucidez é estranha ao clima catártico presente até aqui. O som é só o direto.

Corina -

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável

Enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão - esta pantera -

Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!

O Homem, que, nesta terra miserável,

Mora, entre feras, sente inevitável

Continuamos a ouvir Corina em sua récita enquanto entram fragmentos ilustrativos aos versos. A cada entrada dos fragmentos temos um acorde orquestral, desconexo, a priori sem ligação melódica.

Vemos, neste exato momento, a carpideira da procissão, em seus ferozes clamores.

Corina -

Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

Neste momento temos um detalhe da boca de Corina, que mordisca o choro, antes mais que explícito.

Corina -

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Temos agora a entrada de um fragmento do Coveiro, personagem que aparecerá adiante no cemitério. Afaga uma pedra, preparando um túmulo.

Corina -

*Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,*

Augusto dos Anjos aparece de supetão e furta um beijo dolente de Corina, uma referência ao beijo de Ruso à Viúva branca, do primeiro episódio. O poeta também furta o último verso.

Augusto dos Anjos -

Escarra nessa boca que te beija!

11. Tarde. Exterior. Rua repleta.

Estão novamente no meio da troça, da multidão festejando a morte, ou chorando o carnaval. Augusto dos Anjos baila abraçado com Corina. O som da marchinha se faz presente e todos seguem descendo a rua.

Letreiro 03 (em silêncio): Versos Íntimos.

12. Tarde. Exterior. Rua frontal ao cemitério.

A troça em procissão separa-se frente ao pórtico central do cemitério. A procissão una em troça bifurca-se na entrada do cemitério, alguns comensais modificam a postura de festa, tornando-se eretos, e repentinamente sóbrios continuam descendo a rua. Alguns outros exacerbam o pandemônio e perpassam o pórtico do cemitério, continuando a bailar. O som continua a sobreposição da reza e da marchinha. O caixão segue com os agora sóbrios integrantes da procissão, que descem a rua, não se sabe para aonde.

Entra o som orquestrado, a marchinha e a reza cessam. Augusto observa a bifurcação formal de sua procissão em troça, ou troça em procissão, e está confuso, parado baixo ao pórtico central do cemitério, a procissão seguindo a rua e a troça adentrando no cemitério. Não sabe para onde deveria ir. Um homem passa por ele, quase trombando, pois sua indecisão interrompia a entrada do cemitério. O Coveiro, não lhe dá atenção e só o repara quando indagado. A música permanece orquestrada.

Augusto dos Anjos - *Eh, que te parece?*

Coveiro - *Parece o quê? Esses teus famosos e augustos devaneios?*

Augusto dos Anjos - *Não, mas para onde se espera que fosse 'Eu'?*

Coveiro - *E eu que sei? Passar, tenho o que fazer.*

Letreiro 04 (em silêncio): Versos a um Coveiro.

13. Tarde. Exterior. Interior do cemitério.

Augusto dos Anjos decide entrar no cemitério, seguindo o coveiro que vasculha o local de seu ofício, relembando seus afazeres. O poeta vai murmurando os versos da vez, que tem como musa tal coveiro. Cada vez que vai chegando mais próximo dele aumenta o tom do discurso.

Augusto dos Anjos -

*Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!*

*Um, dois, três, quatro, cinco Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,*

Na progressão dos números inteiros

A gênese de todos os abismos!

Augusto dos Anjos (quase gritando) -

Oh! Pitágoras da última aritmética, (...)

Coveiro - *Perdão, estranho, mas de que me chamou? Seria algum tipo de insulto? Espero que não seja...*

Quando, interrompido pelo coveiro, entra o som orquestral, que fica ao fundo, baixo, rente ao som direto que até este ponto guiara sozinho a sonoplastia da cena. Augusto dos Anjos tenta ignorar a interferência do coveiro para findar os cinco últimos versos.

Augusto dos Anjos - *Espera, um momento... cinco versos e completo o soneto...*

Coveiro - *Que dizes... são injúrias?*

Augusto senta-se e fala os versos rápida e mecanicamente, como que em susto de perdê-los. O coveiro olha estranhando a cena. O som orquestrado permanece como fundo até o fim da cena.

Augusto dos Anjos (falando rápido e concentrado, sem sentir o que diz) -

Continua a contar na paz ascética

Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,

Porque, infinita como os próprios números

A tua conta não acaba mais!

Augusto, depois de terminar o poema, volta atencioso ao coveiro, este o estranha. O poeta vai seguindo o coveiro, que a esta altura já enumera e empilha ossos, alinhando lápides, enfim, em seu ofício.

Augusto dos Anjos - *Desculpa a possível grosseria... não, sobremaneira, não é isto, não penses que é isto.*

Coveiro - *Vote!!! Cabra estranho. Os que se abatem hoje em dia, cada alucinado com seus gostos.*

Augusto dos Anjos - *Deixando de lado meus gostos, tinha que te fazer algumas questões, deveras imperiosas, algo indissociáveis de minha poesia.*

Coveiro - *Fala (pausa) mas espero que não contagies com tal demência... fim de contas, já carrego a minha.*

14. Tarde. Exterior. Interior do cemitério.

Augusto dos Anjos e o Coveiro estão sentados em uma tumba, o Coveiro com ar solene, dá um último gole na garrafa de aguardente, oferece o fim da bebida para o poeta, que rejeita, ansioso por ouvi-lo. O Coveiro aponta para um sarcófago muito bem posicionado e limpo, reluzente em sua obscuridade.

Coveiro - *E foi por isso que me fiz coveiro!*

Logo depois que fala passa a garrafa para o poeta, que responde sem beber. Estão meio torpes, pelas confissões e pelo etílico.

Augusto dos Anjos - *E, como tão calmo, como não choras ao proclamar isto? Afinal, é algo tão taciturno que já perdeu a estribeira...*

Coveiro - *Pera lá! Respeito, ao menos. Te digo, não posso chorar se foi uma decisão, tomada*

em sã consciência, de poder velar de fato minha amada, duma maneira inquestionável e, além do mais, meu ciúme fica mais calmo podendo velá-la em dedicação exclusiva...

Augusto dos Anjos (encantado) - *Teu ciúme te obriga o obscuro ofício. Belo de tão perturbante.*
(pausa) *A respeito, em que mês estamos?*

Coveiro - *Fevereiro, porque?*

Augusto dos Anjos - *Abril soa mais.*

15. Tarde. Exterior. Interior do cemitério.

A grotesca troça de carnaval baila em algum lugar do cemitério, encima dos túmulos, as ladainhas em reza da procissão entram como fundo sonoro. Dançam e cantam alucinadamente.

Coro -

Uma tarde de abril suave e pura
Visitava eu somente ao derradeiro lar;
Tinha ido ver a sepultura de um ente caro,
amigo verdadeiro.

16. Tarde. Exterior. Rua.

A procissão segue descendo a rua, agora muito sóbria.
O som é da marchinha do carnaval, pois a carpideira
rezadeira está ocupada.

Carpideira -

Lá encontrei um pálido coveiro

Com a cabeça para o chão pendida;

Eu senti a minh'alma entristecida e

interroguei-o:

17. Tarde. Exterior. Interior do cemitério.

Augusto dos Anjos fala à câmera. Está sozinho em
detalhe. As vozes do coro festivo e da carpideira
acompanham-no em off, completando a récita.

Augusto dos Anjos -

- "Eterno companheiro da Morte, que matou-te
o coração?"

Ele apontou para uma cruz no chão,

Ali jazia seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada gravemente,

Balbuciou, sorrindo tristemente:

- "Ai! Foi por isso que me fiz coveiro!"

Letreiro 05 (em silêncio): O Deus-Verme

18. Tarde. Exterior. Interior do cemitério.

Augusto dos Anjos e o Coveiro continuam sentados, quase deitados à beira da cova da amada. Formam um belo par, deveras funesto. O som orquestrado serve de fundo.

Augusto dos Anjos - *Pensei em um infortúnio...*

Coveiro - *Mas que falas, estranho zombeteiro?*

Augusto dos Anjos - *Falaste em teu ciúme, e como ele se acalmava ao estar aqui.*

Coveiro - *Sim, pura verdade... na verdade impura. Que tal?! Se me vences como coveiro te destrono como poeta.*

Augusto dos Anjos - *Mas já pensaste nos vermes?*

Coveiro - *Como assim?!*

Augusto dos Anjos - *Sim, o Verme. Ele é o provável novo amante de tua amada. E isso se dá em tuas fuças.*

Coveiro - *Nunca tinha pensado por esse lado... chifrado por um verme... aí, miséria!*
(pausa) *Acreditas nisso de verdade, ou é tua poesia?*

Augusto dos Anjos - *Vamos fazer uma ode em conjunto. Eu defendo o verme, que a partir de agora é Deus, e tu velas pela memória de tua amada. Que parece?!*

Coveiro - *Começa o canto, que dependendo te sigo.*

Augusto dos Anjos - *Vá lá... hum, hum.*

O Deus-Verme

Fator universal do transformismo

Filho da teleológica matéria,

Na superabundância ou na miséria,

Verme – é o seu nome obscuro de batismo

Passo! Te toca a vez.

Som direto, ao fundo o som da música orquestral.

Coveiro - *Só te escuto... enquanto falas vou amontoar minhas coisas, pois estou atrasado, e eu ajudo teu verme a controlar o fim dos tempos. E te digo, quero teu trono de poeta se você agüentar meu fardo de coveiro.*

Augusto dos Anjos continua com seus versos, segue o coveiro que o escuta enquanto continua seu ofício, à junta de seus ossos. Começa o anoitecer.

Augusto dos Anjos - *Se assim mandas, continuo só ...*

Letreiro 06 (em silêncio): Tempos Idos num Poema Negro.

19. Anoitecer. Exterior. Rua.

Vemos a procissão, que segue descendo a rua, carregando o caixão. Não há som.

20. Exterior. Anoitecer. Interior do cemitério.

A troça de carnaval está desmontada, alguns se apoiam em lápides, outro estão deitados. É o fim da festa. Não há som.

21. Anoitecer. Exterior. Interior do cemitério.

Augusto dos anjos declama para o coveiro, de cima de uma lápide. Apenas som direto.

Augusto dos Anjos -

Não enterres, coveiro, o meu Passado,

Tem pena dessas cinzas que ficaram;

*Eu vivo dessas crenças que passaram, e quero
sempre tê-las ao meu lado!*

Coveiro - *Que pretensão!!! Ora, quando você me pede para não enterrar teu passado, de onde diabo tirou que, por algum motivo qualquer, me interessaria por cavar e encher uma cova com teu passado, mesmo que de Anjo?*

Augusto dos Anjos depois da abrupta interrupção fica meio impaciente. Revolve alguns pertences do coveiro, que estão espalhados junto ao seu caixote de ferramentas. Além de suas ferramentas tem dois galões de ossos e

outros despojos fúnebres, e, em destaque, duas tranças de mulher com fitas róseas.

Augusto dos Anjos - Não passa de uma metáfora... mas tenho que ir.

Coveiro - Como podes jogar 'fora' tuas 'metas'. Que te parece para um soneto? Fora... metas...rimam!

Augusto dos Anjos - Me vou... passes bem com teu ciúme e com teu amor, espero que continuem pacíficos.

Entra o som orquestrado.

Coveiro - Mas, e teus versos? Comecei a me acostumar com eles. Aí vai a proposta: este fim de tarde tu revolves os ossos e eu filosofo. Uma troca, justa, posso até te voltar, como compensação do negócio, uma das tranças do que sobrou de meu amor. Que tal?

Augusto dos Anjos - Deixa quieto, digo eu. Já é a hora de voltar para a janta. Cansei de teus

ossos. Quanto aos meus versos, fica, te dou, todos teus.

Coveiro - *Farei bom proveito, bah! Ingrato proveitoso, é isto que és.*

Augusto dos Anjos saúda o coveiro com um gesto tenro e sai, em direção ao pórtico de entrada do cemitério.

Coveiro - *Só mais um último entremeio. Escuta-te bem:*

Neste instante cessa o som orquestrado.

Coveiro - *Na agonia de tantos pesadelos
Uma dor bruta puxa-me os cabelos,*

O coveiro, ao tomar o poema negro, provoca flashes, como surtos muito ágeis de imagens já vistas em outros episódios, ou ainda por ver. Apenas o som direto.

Coveiro -
Desperto

Fragmento do Second Game, cena em que Odin Olmos acorda, notando primeiramente seu atraso.

Vemos em seguida o poeta distanciando-se do coveiro.

Coveiro -

É tão vazia a minha vida!

No pensamento desconexo e falho

Trago as cartas confusas de um baralho

Fragmento ainda não mostrado da jogatina no quarto de hotel.

Vemos o coveiro sozinho.

Coveiro -

E um pedaço de cera derretida!

Fragmento do First Game, quando Ruso Apfestrudell, no velório, apalpa falicamente uma vela.

22. Anoitecer. Exterior. Entrada do cemitério.

Vemos o poeta perpassando o pórtico do cemitério.
Chega à rua. A música orquestrada acompanha a cena.

23. Anoitecer. Exterior. Interior do cemitério.

O coveiro desiste de esperar a volta do poeta, e, simultâneo à fala, começa a ordenar seu pertences. Apenas o som direto.

Coveiro -

Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme.

Neste instante pega uma das tranças envoltas em fita rósea que adornam sua caixa de ferramentas.

Coveiro -

Eu, somente eu, com a minha dor enorme

Os olhos ensangüento na vigília!

E observo, enquanto o horror me corta a fala,

24. Anoitecer. Exterior. Rua vazia.

Enquanto ouvimos a récita do coveiro vemos uma das ruas antes vista durante a passagem do cortejo fúnebre em troça, está agora abandonada, suja por confetes e afins da passagem do carnaval e com o caixão, antes carregado com esmero, também abandonado no chão, ao lado da sarjeta enlameada. O próprio caixão está sujo, de lama, de confetes e de purpurina. O som é o coro festivo de carnaval.

Coveiro (off) -

O aspecto sepulcral da austera sala

E a impassibilidade da mobília.

25. Anoitecer. Exterior. Interior do cemitério.

O coveiro continua com sua récita de forma muito natural enquanto preenche de terra uma cova recém aberta.

Apenas som direto.

Coveiro -

Meu coração, corno um cristal, se quebre

O termômetro negue minha febre,

Torne-se gelo o sangue que me abrasa,

E eu me converta na cegonha triste

26. Anoitecer. Exterior. Rua vazia.

Novamente na rua vazia com o caixão enquanto ouvimos os versos do coveiro, a diferença é que agora temos Augusto dos Anjos, subindo a rua. Pára em frente ao caixão só, escuta seus versos vindos doutra boca enquanto observa o caixão, ao som dos cânticos da ladainha da procissão.

Coveiro (off) -

*Que das ruínas dum casa assiste
Ao desmoronamento de outra casa!*

Augusto retira uma serpentina que se enroscava na alça do ataúde.

27. Anoitecer. Exterior. Pórtico de entrada do cemitério.

O coveiro prepara-se para fechar o cemitério, fala enquanto recolhe os portões. Apenas o som direto.

Coveiro -

*Ao terminar este sentido poema
Onde vazei a minha dor suprema
Tenho os olhos em lágrimas imersos...*

28. Anoitecer. Exterior. Fachada de uma casa em estilo colonial.

Augusto dos Anjos observa uma fachada gasta à sua frente, escuta os versos que vêm do cemitério. Temos o som da marchinha.

Coveiro (off) -

Rola-me na cabeça o cérebro oco.

Por ventura, meu Deus, estarei louco?!

29. Anoitecer. Exterior. Pórtico de entrada do cemitério.

O coveiro, abandonando seu local de trabalho, põe o cadeado no portão do cemitério enquanto finaliza sua récita.

Coveiro -

Daqui por diante não farei mais versos.

Apenas som direto.

□ LAST GAME:

1. Noite. Interior. Quarto de hoteleco.

Vemos o decorrer do último jogo, que se passa na mesa com a típica flanela verde de carteados. As três personagens, das quais até agora não vimos os rostos, têm em mãos a totalidade do baralho, cada um com seu terço. Interrompem bruscamente o jogo, começam a jogar as cartas por trás das costas, como que dispensando-as, uma a uma. Vai se dando isto até que sobra uma carta na mão de cada jogador.

Pela primeira vez se olham, reconhecendo a estranheza do fato, da narrativa, do 'despropositado' jogo. É, também, a primeira vez que vemos seus rostos numa mesma cena; trata-se de Ruso Apfestrudell, o papa-viúvas do First Game, Odin Olmos, o defunto Atemporal do Second Game, e o Coveiro, musa do poeta do Third Game. Representam cada um, seu segmento do recém relatado.

Eles se entreolham, medem-se. A câmera vai ampliando a angulação do quadro, mostrando pouco a pouco a totalidade do quarto de hoteleco. No canto do quarto, no córner próximo à porta, está Jhê Vantim, com uma veste em tons pastéis e um anacrônico microfone em mãos. Acima dele vemos o clássico letreiro radiofônico, em luzes vermelhas: 'NO AR'.

Jhê Vantim - *Finalizamos assim nosso programa. Espero que tenham gostado das 'Estórias Irrelatas' de hoje, tenham uma boníssima noite e continuem ouvindo vosso rádio, pois as verdades não são vistas, porém narradas.*

Simultâneo à fala, os três se levantam das cadeiras, sacam e põe seus paletós. Saem do quarto, abrindo a porta e deixando-a aberta. A câmera mantém-se parada, mostrando-os seguirem caminho escada abaixo, no canto do quadro Jhê Vantim acende um cigarro, como se findo uma jornada de trabalho.

Jhê Vantim - *Que final, que final mais adequado para esta farsa.*

Os créditos sobem com esta cena ao fundo.